

# A LAGRIMA

*Quinzenario Illustrado*

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 18 de novembro de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

## RABISCOS

Cae uma chuvia ameaçadoramente aborrecida. As ruas estão enlameadas; os passeios es-corregadios e a athmosphera tem os tons d'uma tristeza e d'uma frialdade infinda. Respira-se mal. Parece que a abobada celeste, d'uma côr acobreada, nos cae em peso sobre a cabeça, e pretende esmagar-nos. As aves desappareceram.

Fugiu aquellesol dourado e benéfico que tingia de purpura os outeiros e rendilhava arre-biques de perolas nas folhas das arvores. Sente-se o tumultuar da tempestade ao longe, e ouve-se o zunido impertinente das gottas d'agua, açoutando os telhados e as vidraças dos nossos quartos. Estamos em pleno coração d'inverno!

\*

¿No meio d'esta desolação dos campos, da natureza e das almas; no meio d'este enorme hysterismo dos corações juvenis, que pedem sol e reclamam luz, o que se ha-de fazer?

¿Erguer as mãos aos ceus e fazer preces ao Altissimo, para que se compadeça de nós? Não. O inverno é muito necessario; é indispensavel. E' precisa to-la esta desoladora tela, que a athmosphera nos apresenta.

¿O que seria a Primavera, toda caprichosa e bella, sem o inverno aborrecido, frigidissimo, macambuzio e caturra? ¿O que seria o outomno com os seus arreboés dolentes, sem o inverno com as suas tardes aborridas e as suas noites tempestuosas?

Z.

Procurou-nos hontem, n'esta redacção, o abalizado festeiro e honrado commerciante sr. J. Martins, para que nós fizéssemos publico o seguinte engraçado caso, em que são protogonistas o mesmo sr. Martins e o sr. Adolpho Cibrão.

Os nossos leitores estão ao facto da partida que este ultimo cavalheiro pregou ao sr. Martins. Ora era necessaria uma desforra e esta acaba de effectuar-se.

Appareceu ante-hontem uma creada no estabelecimento do sr. Martins, a saber se por ali estivera o sr. Cibrão ou aonde parava. Era a serviçal d'este nosso amigo.

O sr. Martins deu um pulo de contente, tão

alto, que até com a cabeça bateu n'um candieiro, quebrando o respectivo vidro.

—«O' pequena, diz á sr.<sup>a</sup> que o sr. Adolpho não vae hoje jantar a casa. Que comam é que não guardem na la, pois que o sr. Cibrão vae comer com um amigo.»

A creada se bem isto ouviu, melhor o disse e quando o Cibrão entrou em casa, ficou sem o melhor bocado, que as boas esposas sempre guardam para o marido, e teve, portanto, de comer a via réduzida, em vista do *palão* que o sr. Martins inventou, para se pagar da espiga que lhe metterá o Adolpho.

## Do mal o menos

*(A uma dama que sentia horror ao grande nó)*

Diz bem, casar é pouco divertido...

Ai não se ease não minha senhõra,  
Que a liberdade é o bem que mais se chora  
E a coisa que ha peor é um marido.

Depois, ponha isto bem lá no sentido,  
As birras que ha-de ter a toda a hora  
Co'a sogra, pois é lei de toda a nora  
Ter na sogra um supplicio aborrecido.

Da existencia já quasi no inverno.  
Ainda o casamento pôde dar-se:  
O braço do esposo é um abrigo...

Não sendo assim senhõra é um inferno.  
Ai não se case não!... mas... a casar-se...  
Tome um conselho meu—case conmigo.

C. L.

## *Necessidades, 15 de novembro de 1900*

Hoje contarei novidades d'esta terra, cada qual a mais bonita, para em tudo lhe dar gosto, sr. redactor, (Deus louvado)!

Já está descoberto, sem auxilio deapparelhos opticos, quem é o autor d'estas cartas...

O Tô, apesar dos esforços, mais do que aquelles «que permite a força humana», não lhe foi possível fazel-a, porém o Narciso, que tem lume no olho, e aqui se gaba de ter habilidade, confessou-nos que o autor d'estas corporiencias era o primo d'elle, o Méda.

## A LAGRIMA

Este Mêda não é de palha, se o fosse era comido por certos figurões da freguezia...

\* Na terça-feira passada um homem que não conhecemos, mas nos dizem ser de Barqueiros, andou de casa em casa a pedir para a ajuda da perda de uma carrêla.

Que *vêla*.

\* Hontem houve grandes choros na freguezia por causa da perda de um perdigueiro.

Eram 9 horas da manhã quando o animal estava dando os ultimos suspiros.

Ainda appareceu na occasião o Narciso e mandou applicar duas cataplasmas no bicho e animou o seu dño com palavras consoladõras, porém o «que tem de ser, tem muita fôrça», o perdigueiro deu a alma ao diabo, no meio de lancinantes dôres.

O Narciso depois é que explicou que se tinha enganado no prognostico e que, mesmo, quando receitou as cataplasmas, estas não podiam fazer effeito, porque o cão já não respirava.

*Um Socialista.*

No 1.º anniversario d'uma meniça

Gentilissima creança;  
és como um riso doirado,  
como um beijo perfumado,  
vindo ha um anno de França...

Ainda és uma esperanza;  
a madrugada de um Dia!  
Tens a Graça e a Alegria,  
vindo ha um anno de França...

Creseo, ri, dá-me os teus braços,  
tão lindos; quero beijal-os,  
quero talvez adoral-os,  
creseo e ri, dá-me os teus braços.

S. E.

*O... grande*

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que, em supplemento, publicamos e o qual veio encher de satisfação a «Lagrima», que andava, coitadinha, ougala por petiscos que, como este, lhe aquecem o estomago com a riquzinha d'uns 35:000 reis, moeda forte, (que não vão os nossos assignantes do Brazil enten ler' que a quantia é uma miseria)!

Esta collaboração do sr. administrador não foi solicitada por nós, como a principio se suppõz ahí, mas veio das mãos de s. ex.<sup>ª</sup> espontaneamente, diz-se que para dar cumprimento á lei, a qual se não se refere á nossa folha declarando o título que tem, e bem expressa fazemto vêr que o... grande deve ser publicado no jornal de maior circulação.

E, de facto, des leo sr. Domingos de Figueiredo,

até ao mais humille mortal, pouca gente na nossa terra não é assignante da «Lagrima», uma vez provado que nós se não temos a graça fina de Julio Cesar de Machilo, pelo menos possuímos a philantropia, aliás justa, de fazer rir as pedras, como succedia com os escriptos ironicos de Camillo...

Ha quem nos affirize que o Bento José Moreira até pôe uma funla quando lê ou manda lêr os trabalhos que produzimos n'estas columnas, com receio d'algum *catuclismo cômico* dentro da panga, tal a vontade com que estala gargalhadas n'essas occasiões.

\*

Tão grande é o annuncio, como foi o alvarôto que elle proluziu na localidade, nas cavaqueiras do serôto, devido a não ser d'alo ao «Commercio», como era de costume.

Nós é que não queremos saber d'isso para nada e, logo que sejunos embolsados do dinheiro, havemos de ler o annuncio em familia, tendo ao lado uns calix de vinho Madeira, que vende o Thomaz a preço reduzido, conhecendo do effeito para que o compramos.

... Não que, por experiencia, sabemos a amargura por que passamos em dous annos seguidos, quando eramos administrador do «Barcellos» — então dirigido politicamente pelo nosso distincto amigo dr. João Novães — por o annuncio em questião não ser dado, ao menos uma vez, á publicidade n'aquella folha.

Não appareceu *n'essa occasião* — como agora para o «Commercio» — quem se interessasse a reparar *essa justiça* á folha regeneradora.

¿E que fizemos nós então?

Por calculo, atiramo'-nos ao silencio e, em vez de *por exemplo*, propõmos á Camara um abatimento ao custo das linhas do annuncio, recolhemo'-nos ao lar domestico e choramos a nossa desdita, regando a panga em vez de ser com vinho de Madeira, como tencionamos fazer este anno, com agua pé...

Por lance é que nos abtivemos assim e, ainda mais, para não darmos a perceber ao sr. Figueiredo, o administrador do concelho — ou, melhor, o *inimigo* — a falta que nos faziam os tantos mil rs.

Eramos, necessaria mente, logrados na pretenzão, e o sr. Figueiredo seria capaz de d'ungar, com suprema troça, um *batuque* em nossa honra...

E foi por isto que lamuriando-se nos um emprego do «Commercio», aliás seriissimo, pelo prejuizo que este contratempo lhe acarretava (e ao patrão), nós lhe dissemos de momento:

— «*Tu dirás* ao sr. Ed. Ramos que não se deve queixar da lei da sorte. Hoje por nós, amanhã por vós... Que não procuramos a *offerta* e, menos, lesar posse velha.»

Isto, aqui, aqueloutro, era d'ahi a pouco correntio contra nós, por termos a pouca vergonha do dar explicações ao sr. Ramos (e, demais, pessoas) vista

a situação em que nos encontramos n'este planeta subluar.

Não faziamos tal.

No entanto, em amor á verdade, o sr. Ramos é-nos sympathico por uma feição bem retinta. Tem sido sempre progressista e assim o temos visto: progressista a andar, progressista a escrever, progressista a fallar, progressista a comer, a vestir, etc., não se parecendo, por exemplo, com certos regeneradores que, depois de, na nossa presença, terem dito *politicamente* cobras e lagartos do sr. Figueiredo (Cruzes! Canhoto!) iam tomar chá com s.<sup>a</sup>.

O sr. Ramos não adalou nunca regeneradores.

Demais cá vamos, nós e o sr. Ramos, cada um em sua casa, pela vida fóra. «E cada um em sua casa é tão valente, que, a'nda depois de morto, são precisas quatro pessoas para o tirar para fóra.»

\*

O annuncio de hoje é a nossa consola, os nossos fiéis de Deus, o nosso folar, pela forma eloquente como atacamos a obra do theatro, a da Avenida do Cemiterio, etc.

Julgamos ter agradecido particularmente ao sr. administrador a fineza com que nos distinguio hoje, porém achamos melhor tornar publica, por esta fórma, a nossa eterna gratidão a s. ex.<sup>a</sup> e offerecemo'-lhes o nosso limítissimo prestimo, no tocante á chalaça, á pilheria.

Na ultima feição a «Lagrima» foi progressista, hoje, porém, é regeneradora, e não faz mais que o seu dever.

O voto não o damos, isso não, mas abragos muito archoalhos, isso quantos o sr. dr. Silva quiser.

E se a sua molestia, sr. administrador, lh'o consentir—e tambem o administrador da «Folha» concordar—ha de ter, por nossa iniciativa, um porco, para com rojões se tapar a bocca á grande *porca* da politica local.

Um porco chinu... entenda-se.

Sem tempo para mais, subscrevemo'-nos dos nossos assignantes

O Director.

Maquell Mello

Foi com verdadeira saudade que nos despedimos auto-houtem, na estação do caminho de ferro, d'este rapaz sympathico, que segue a proseguir na lucta da vida, no formoso Estado do Pará.

Correcto no vestir, amêno no trato, de coração franco e leal, o Mello—como pessoa do bem que é—deixa furtas saudades no coração de seus amigos, que são muitos, e recordações sinceras á «Lagrima», que o estima.

(Ao Mello deve acompanhar-o uma sombra negra, só, —o auto-mobil...)

COMICIO

Realisou-se como estava annunciado o comicio para a apresentação do deputado socialista.

Não no edificio das Torres, por á ultima hora a Serenissima casa de Bragança se oppôr a isso.

Verificou-se, pois, a magna reunião, nos baixos da casa do Ayres, hoje parthença do Augusto Viajante, junto das cavallariças.

Seriam 6 horas para as 11 da noite, pouco mais ou menos, do dia de domingo, quando começaram de affluir no ponto escolhido dezenas de socialistas de pé descalço e outros com pé de meia, para fazerem fincapé no seu proposito de se proceder á apresentação do deputado.

A meza, que era suggestiva por ser de pé de gallo, era occupada pelo sr. Zé da Mãe e pelo pantomineiro do Serra Macaca, o qual se apresentou correctamente vestido á Mazantini, com a competente calça á bocca de sino. O Zé da Mãe vestia a sua casaca de ver a Deus e de servir nos jantares de gallo, de gala, queremos dizer.

O sr. Zé da Mãe

que é sachristão, *importador* para fóra de madeiras para achas e fôrro, começou por dizer, depois de ser recebido com uma saraivada de palmas prolongada, que estava ali não para fallar que isso era só proprio de oradores, mas para berrar pelos direitos do vencimento da eleição.

Apresentava o candidato socialista á multidão que o escutava, como o prototypo da honestidade e do saber ler e escrever.

Uma voz:—o Zé da Mãe é Xesuita.

Eu, se uso labita, ninguém tem nada com isso, e o que juro é que nunca a heide virar, como é frequente fazer-se nos partidos monarchicos.

E continuando, companheiros, limito me a apresentar o Serra Macaca como nosso deputado.

O sr.

Serra Macaca

está ali como homem portuguez de antes torcer que quebrar. Quando não, não. Trabalho, frisou, rasoavelmente á serra mechanica e tomo encommendas tanto para fóra como para esta villa. Vendo a preços redusidos descancos para relógios, para vasos de flores e vasos da noite; possuo um phonographo cujas audicções os meus amigos cada um póde ouvir a 20 réis ca la uma.

(Um representante da auctoridade mostra um grande bengalão ao deputado e manda apartar seis duzias de socialistas para lhe apontar a Cadeia, que se não fossem as casas que ficam em frente do edificio em que se estava realisando o comicio, se via distinctamente).

O orador continua a fallar. Sr. representant

da auctoridade, eu talvez lhe escreva... E apeiou-se da tribuna.

N'este momento o

Pedro do Janeiro

pede licença ao sr. Zé da Mãe para lhe perguntar se não se podia chamar antes Zé do Pae, ao que o filho da mãe na ja respondeu. Depois exclamou: Cá estão os ultimos telegrammas da agencia Favas. Cá está o «Janeiro» e o «Seculo».

(A auctoridade mostrou novamente a móca). Perdão, companheiros, que me enganei, cuidando-me a apregoar os jornaes. O sr. Serra Monicreca, amigos, nosso deputado, se fôr ao parlamento, não entra lá nenhuma vendedeira de peixe que não pague os dez réis do sello.

(No meio d'este enthusiasmo em que o Pedro fallava como gente, é interrompido pelo Rinhão, conde de Manél Chiné, que lhe apresenta de longe uma garrafa de branco. Pedro perde a tramontana, pede licença á assembleia para a beber e fica como um *cicho*.)

O Theotonio

jornaleiro, de Arcuzelo, diz bem alto, em voz grossa, que o comicio tem corrido tumultuoso por parte dos oradores. Que o melhor vinho que ha, verde—bem entendido—é a pataco no Espinheira, que o Torres tem um para o mesmo preço, que, taubem, apesar de ser um mugalho dalgado é mim bem bom. De branco, explica, não posso dizer onde o haja bom a não ser no Oliveira, engarrafado, sem baga. Os cagões do maduro que vende o Azevedo á artista, são recommençaveis. E' um piraco, esse, gidio. Meu éues gostanêsa d'elle com lão branca. Este frógo de lêdes (e apontou para o Zé da Mãe) não tósga o que eu galro. (A auctoridade mostra terceira vez a móca). O sr. Theotonio desespera-se e grita: «Mais vinho que é sangue virgem», quem o quizer puro vá á adega dos lavralôres serios. Arre!

Arre? Arre será elle e toda a sua geração, rincha um cavallo do Augusto, rincho que chôa de quebrada em quebrada.

O sr.

José Lisboa

tira o chapéu da cabeça e a carapuça de dormir e passa uma descompustura ás leis do paiz que não permittem a liberdade de reunião. O Serra Macaca é o deputado da eleição de todos nós, exclama. Demais encarrego-me da cobrança de dividas, tanto n'este concelho como em todas as freguezias do mesmo.

Apresenta uma carta do sr. Joaquim Martins que diz que a muzica para a festividade de Santa Luzia, no Terço, é a da villa.

(A auctoridade perde o sangue frio e começa á pancada a todo o mundo que ali estava, até o sr. Jejum que, por não poder compurecer, manlara um telegramma, até esse mesmo

ficou mal ferido, por ser attingido com o bengalão.)

O comicio é dissolvido.

A rapaziada invade as tabernas e passa a comer bacalhau frito, a beber até cair, e condemna o attentado praticado com a móca.

*Miguel Lemos*—Ninguem é propheta na sua terra e o Miguel está a sel-o na Invicta, cila le onde ha pouco foi nomeado presidente da republica Bohemia, em que se come e bebe do melhor, pagando tollos os cidadãos, contas do Porto.

E' uma republica ideal havendo Madeira, sem ser a dos moveis...

### Notas Diversas

O sr. Lobo d'Alva está preparando umas pilulas, segundo uma formula sua, para o Manuel Bocca, que está soffrendo d'uma bronchite aguda, que lhe occasiona o não poder cantar este anno nas novenas do Natal.

\* Ha uma serie de individuos em Barcellos, como de resto na sociedade, os quaes só vêm defeitos nos semelhantes e nunca as virtudes. E o amor é o q'agarra.

\* Se perguntassemos ao Arnaldo Azevedo aquilo que elle mais desejaria n'este momento, responderia: peixe cosido.

\* «No mar anda quem pr'a nós ganha». Esta phrase é do paé d'um filho que não trabalhou nunca e nunca estudou.

\* O Jose Vieira poz hontem o mastro dos militares ao alto, razão por que o rancho foi melhora lo e os soldados estiveram nas casernas satisfeitos, dançando o vira revira-volta atrás.

\* O sr. Pinto Roza entrou pr'a assignante da «Lagrima» mais alegre que se conhece.

\* Chegam-nos noticias atteradôras de Pereira—de hontem—nas quaes se diz que o Juca fez lá grandes estragos gastronomicos na casa do nosso collega Braz.

\* Receita para guardar tomates. N'um caixão de madeira deita-se camada de sal, camada de tomates, assim sempre até não haver mais tomates ou sal, ou o caixão não comportar mais sal ou tomates.

\* Um dia um burro ia carregado com sal e ao passar n'um ribeiro chufurdeou na agua, o sal derreteu e aliviou-se da carga; mas da outra vez em vez de sal, eram esponjas, e o burro fez a mesma operação e cozeu-se, porque o moleiro, dono, deu-lhe uma carga de pau.

\* No dia de S. Martinho o thermometro marcou 25 graus á sombra, applicado á cabeça de muitos devotos do Santo.

\* A «Lagrima» é a folha de maior circulação em Barcellos.